

REVISTA
DE

TURISMO

PUBLICAÇÃO QUINZENAL
DE TURISMO, PROPAGAN-
DA, VIAGENS, NAVEGA-
ÇÃO, ARTE E LITERATURA

PROPRIEDADE DA EMPREZA DA
REVISTA DE TURISMO

LISBOA, 5 DE JULHO DE 1916

ANO I—N.º 1

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

PAGAMENTO ADEANTADO

ANO..... 1\$00 SEMESTRE... \$50

NUMERO AVULSO 5 CENTAVOS.

DIRECTOR: AGOSTINHO LOURENÇO

REDACTOR PRINCIPAL: GUERRA MAIO

EDITOR: ANNIBAL REBELLO

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS: LARGO DA ABEGOARIA, 28 - TELEFONE 2337-C. - LISBOA

ABRINDO...

A despeito da actual crise, abalançamo-nos á publicação d'esta revista, que como o seu nome indica tratará de todos os assumptos de Turismo.

Em França, na Suissa, na Italia até na visinha Hespanha, existe um sem numero de publicações tendentes a defender, propagar e difundir a proveitosa industria de Turismo. No nosso paiz nenhuma publicação existe que empregue excessionalmente as suas columnas ao Turismo e que faça desenvolver o gosto das viagens.

Portugal, paiz por excellencia para digressões, dotado de um clima semi rival na Europa, guardando paisagens de uma beleza encantadora e muitas d'elas quasi desconhecidas, com uma enorme costa maritima, onde o mar se espregueia n'uma extensa praia de mais de 200 leguas, é desconhecido pelos estrangeiros e quasi desprezado pelos nacionaes.

A nossa excepcional riqueza de aguas mineraes, espalhadas pelo paiz fóra, algumas dotadas, além do seu grande valor therapeutico, de um clima saluberrimo e de uma paisagem deliciosa, são apenas conhecidas de meia duzia de pessoas que ali vão procurar alivio para os seus males, pois o nosso grande povo aquista ainda hoje vae ao estrangeiro em procura de uma cura e um repouso duvidoso, quando os tinha aqui certos.

E' preciso, pois, defender as preciosidades com que a Natureza tão prodigamente nos dotou, e é esse o principal objectivo da nossa campanha para o que possuímos uma excepcional boa vontade e uma coragem transcendente.

O PORTO DE LISBOA
DEPOIS DA GUERRA

NÃO é preciso ser um grande propheta para avaliar o que será o nosso admiravel porto de mar, depois da terrivel contenda, que ha perto de dois anos se vem desenrolando na Europa.

A paz hade vir um dia, e uma onda de progresso acentuar-se-ha rapidamente, porque todos os paizes livres da *Paz armada*, tratarão com mais afinco da sua industria e do seu fomento. Cada um procurará aproveitar o mais possivel as suas riquezas naturaes e tratará de desenvolver a sua industria e a sua agricultura, procurando para elas novos mercados e novos elementos de vida.

A guerra manufactureira e agricola terá um enorme desenvolvimento e triunfará certamente quem melhores elementos de vida tiver.

Não temos nós industrias para procurarmos mercados, e a nossa agricultura, triste é dizê-lo, mal chega para o consumo do paiz.

Só uma industria se nos afigura, que dê resultados praticos; a do Turismo, para o que já alguma coisa se tem feito, muito ha porém a fazer.

Mas a base primacial do Turismo em Portugal, é sem duvida nenhuma: o porto de Lisboa.

A sua admiravel situação, a sua excelente rêde de caminhos de ferro,

ligada, a Madrid, Paris, e ao centro da Europa, é garantia segura para um futuro de grande movimento de passageiros.

Antes da guerra, todos os vapores que do norte da Europa, da Alemanha, de Inglaterra, da Holanda e de França se dirigiam á America do Sul, faziam do porto de Lisboa o ponto de despedida da Europa. E esse movimento, que crescia dia a dia, acentuou-se d'uma



PORTO DE LISBOA
UM VAPOR HOLANDEZ ATRACADO AO CAES

fôrma a que podíamos chamar colossal, o que nos faz crer que maior incremento tomará quando o terrivel flagelo tenha dado logar á paz em todos os povos.

E n'esse dia, que julgamos não será tarde, uma enorme avalanche de passageiros vindos do Brazil, da Argentina,

do Pacifico, ha de vir á Europa, cheios de curiosidade uns, e outros já fartos de esperar nas suas terras da America, que a terrível e demorada guerra tenha o seu ocaso, para virem jornadas pela Europa.

E então todos os vapores serão



LISBOA — ESTAÇÃO CENTRAL

poucos, pouquíssimos, para transportar os milhares de passageiros, que disputarão os logares, não olhando a despesas.

E essa onda de viajantes na sua passagem por Lisboa, se aqui lhes proporcionarmos comodidades para descansar das fadigas do Atlantico, e se lhe dermos as maiores facilidades para se transportar rapidamente a Paris, deixará o paquete e correrá veloz para o caes a desembarcar.

Taes comodidades, serão os hotéis, que muito teem a lucrar com a montagem dos mais modernos requisitos de conforto, as facilidades aduaneiras, e finalmente o rapido e comodo transporte para além fronteiras.

Não ignoramos, que, já em Lisboa existem hotéis modernos, com pessoal mais ou menos habilitado, mas tudo isso é pouco para a importancia do nosso admiravel caes da Europa.

Tambem não desconhecemos que na Alfandega já desapareceram os vexames e as demoras a que eram sujeitos os passageiros.

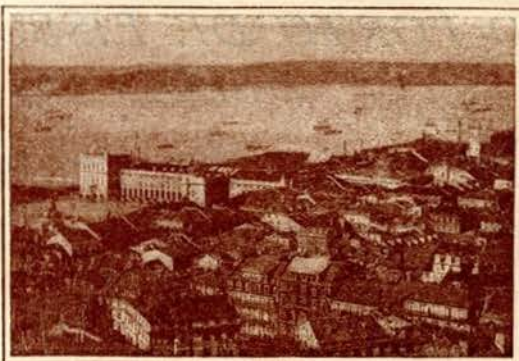
Mas é muito pouco ainda, a nossa Alfandega tem muito má reputação, é preciso que o passageiro fique bem impressionado quando por lá passar, para a sua propaganda ser benéfica.

Estamos muito ao facto dos melhoramentos que as nossas linhas ferreas teem introduzido nos seus serviços, já melhorando o seu material; agora mesmo apesar da crise, a Companhia Portugueza trata de concluir a 2.ª via do Norte, fazendo a terreplanagem da linha á espera que possa obter carris; a Beira Alta prosegue com reforço da

sua linha para aguentar com comboios mais pesados, mas é preciso que se acabe de vez com essas carruagens de compartimentos fechados, não é tão grande a despeza da sua transformação nem tão demorado o seu fabrico.

Bem sabemos que nos ultimos anos teem sido adquiridos no norte da França varios vehiculos para as companhias Portugueza e Beira Alta, material este, que pode rivalisar com o melhor da Europa; nas oficinas de Santa Apolonia e Figueira da Foz, tem-se feito novas e confortaveis carruagens que grandemente honram a industria nacional, mas esses vehiculos não chegam senão para meia duzia de comboios, e estes mesmos com composição relativamente pequena.

A companhia do Norte de Espanha, a despeito da crise actual, está concluindo a 2.ª via entre Medina e Hendaya, (percurso este, percorrido pelos comboios que de Portugal conduzem á França, n'uma extensão de 434 kilometros) onde lhe falta apenas 77 kilometros, e nas suas vastas oficinas de Zaragoza, está construindo um sem



PORTO DE LISBOA numero de carruagens VISTO DO CASTELO de todas as classes, isto certamente na mira de grande concorrencia de passageiros após a guerra.

Antigamente era um trajeto penosissimo atravessar as linhas do Norte de Hespanha, pela pouca velocidade dos seus comboios, pela falta de conforto das suas carruagens e por mil outros motivos, mas hoje esse serviço está consideravelmente melhorado, pois com a aquisição de novas locomotivas e de novo material, viaja-se ali com muito razoavel comodidade. Isto é para nós de grande importancia, pois desfaz-se assim a velha lenda do horror das linhas hespanholas que tanto prejudicam a viagem Lisboa-Paris.

Tambem a Companhia Madrid-Zaragoza-Alicante, trata de reformar a sua linha Madrid-Barcelona e Madrid-Sevilha, para com as locomotivas modernas, ha pouco adquiridas, poder im-

primir maior velocidade aos seus comboios.

E' pois para elas, que nós devemos lançar as nossas vistas e todos os sacrificios que agora se façam terão em breve larga remuneração.

Quanto ao porto de Lisboa, seria para desejar que os navios atracassem aos caes e os passageiros tivessem a facilidade de entregar a sua bagagem a bordo e só a tornarem a vêr em Paris.

A questão do atracamento já tem sido largamente tratada na imprensa sem que até agora se lhe tivesse dado solução.

E' certo que na doca de Alcantara se está fazendo uma obra verdadeiramente gigantesca, obra que ha de levar ainda o seu tempo, mas sem ela tambem se podia fazer alguma coisa, pois grandes navios teem atracado ao caes sem que nisso tivessem o menor embaraço.

Quanto ao serviço directo Rio-Paris, crêmos já alguma coisa se tem tentado mas não deu ainda resultado pratico, estude-se pois este assumpto, que só nos parece viavel pela Companhia de Caminhos de Ferro Portuguezes, ou Companhia dos Wagons Leitos, mas esta certamente teria interesse em encaminhar os passageiros para o *Sud-Express* e não era, assim, um serviço completo.

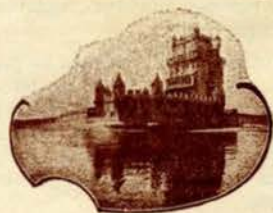
De todos os embaraços de que o passageiro é victima, certamente o que mais o incomoda é o da bagagem. A verificação na Alfandega ao desembarcar, sempre demorada e embaraçosa por mais perfeita que seja, o seu transporte e vigia para o hotel e d'ali para a estação, a abertura nas fronteiras, são objecto de grande perda de tempo e de grandes maçadas.

Seria pois o Ideal, que um passageiro entregasse a sua bagagem a bordo e quando chegasse a Paris tê-la á sua chegada, sem ser remechida pela alfandega e sem ter andado aos boléos ás costas de carregões.

Isto tão facil se nos afigura, que julgamos da mais prompta resolução.

De uma coisa mais carece o porto de Lisboa e o nosso serviço internacional, é de propaganda; d'ela nos occuparemos em subsequentes artigos.

GUERRA MAIO



ARTE E LITERATURA

NO CHIADO

DE GUERRA JUNQUEIRO

Ó lama do Chiado, ó lama do bom tom,
 Eu quizera fazer-te um bôto poema com
 A verve de Musset e o rir de Gavarni;
 Mas não merece a pena estar a gente aqui
 A descobrir, a achar as rimas mais preciosas,
 A torcer uma estrophe em espiraes nervosas,
 A pôr na reticencia a indiscrição d'um pagem,
 A florir n'um bom verso uma brilhante imagem,
 E a enroscar n'uma idéa um dito puro e fino
 Como os ricos florões d'um portal manuelino,
 Para no fim de tudo encher uma columna
 D'um jornal de dez réis levado da fortuna,
 Que amanhã dormirá n'uma tenda boçal
 Entre um queijo flamengo e uma ode imortal.

Eu sentia-me até bastante resolvido
 A cantar n'este instante algum vergel florido,
 Uma boca escarlata, honesta e virginal,
 Uma trança d'aurora, um riso de crystal
 Tudo o que ha de gentil, de luminoso e puro
 — Uma cabeça loira ou um trigal maduro,
 E Julieta e Romeu na scena da varanda,
 Mas precisava ter um bom papel de Hollanda,
 Um typo de Elzevir, um optimo editor,
 E sobretudo em vez dos olhos teus, leitor,
 O fresco olhar azul d'uma pessoa amada,
 Que cobrisse da gloria ingenua da alcorada
 Os meus versos pagãos cheios de seiva e flores,
 E ao toque do clarim e ao rufo dos tambores,
 Fazendo telintar as lanças e as esporas,
 Eu mandaria então em legiões sonoras
 Um exercito ideal de estrophes coruscantes,
 Que iriam desflar esplendidas, riantes,
 Debaixo do balcão d'essa creança..

Em suma

Tenho estado a soprar n'uma bola de espuma,
 Que rebentou. Nem sei a transição que fiz
 Da lama do Chiado aos sonhos juvenis,
 Da phrase de Cambrone ao azul da utopia.

Voltemos ao Chiado. É quasi meio dia;
 Vamo-nos encostar á porta da Havaneza,
 E veja-se passar Lisboa, essa burguezia
 Que vas de risca ao meio e vas de fato preto
 Ao Sport da uma hora — á igreja do Loreto.

Alguns velhos leões de nobre gaforina
 Onde falta o cabelo e sobra a bandolina,
 Discutem entre si com toda a auctoridade
 Petiscos do Baldanza e córos da Trindade,
 Janotas de balcão, Neros hebdomadarios,
 Que exercem a virtude em dias ordinarios,
 Correndo no domingo ao vício, aos sorvedoiros,
 Lançando-se ás paixões como S. Thiago aos moiros,
 Vão meditando já na bachanal fremenda
 Aonde á meia noite o dedo da legenda
 Escreverá talvez sobre a muralha espessa
 Esta negra inscrição: Dois pintos por cabeça.

Brunidos de enthusiasmo, esplendidos, jocundos,
 Provincianos joiates da Beira Baixa oriundos,
 Observam com prazer e muita admiração
 Os progressos que faz a civilização
 Na capital do reino.

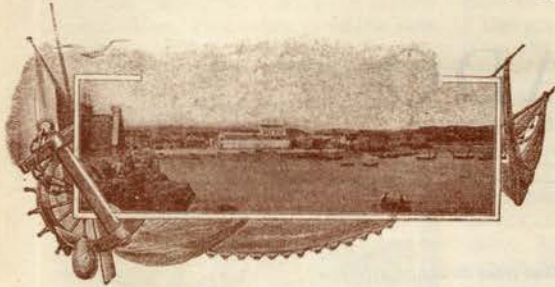
Exhibem-se os alferes,
 O encanto do inimigo e o terror das mulheres...
 Nos grupos do prazer, do Chic, da Finança,
 Admira-se um cavallo, uma girafa mansa
 Que vas trotando.

A missa está quasi a acabar.
 A igreja do Loreto é o piedoso boudoir
 Onde Christo recebe as preces perfumadas
 Das almas do bom tom.

Recrusam se, danadas,
 No insano frenesin da rubra extravagancia,
 Preversas multidoes puzadas á substancia,
 Calcando dignamente as lamas venenosas,
 A lama onde os corceis das raças milagrosas
 Mais gostam de imprimir a marca das suas patas,
 E onde ás 5 da tarde illustres burocratas
 Poisam a nobre planta ornada de galocha.

Sinto-me triste. A aurora ingenua desabrocha
 Na candura do azul, como uma rosa enorme.
 E, enquanto o meu visinho (um brasileiro) dorme
 Fazendo variações no coruetim nasal,
 Eu filho da Utopia e primo do Ideal
 Tenho estado rimando esta canção florida,
 Que seria melhor, não sendo tão comprida.

TURISMO NAUTICO

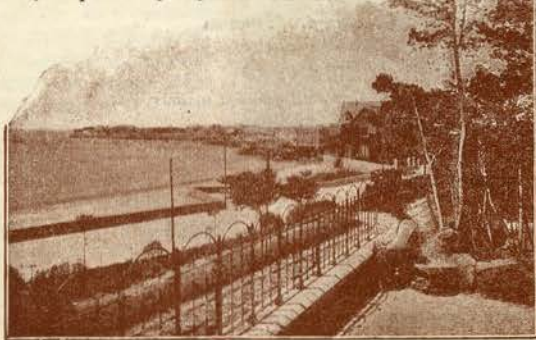


Está ainda por fazer no nosso paiz, a propaganda do turismo nautico, e, portanto, estão ainda por conhecer as belezas naturaes que só podem ser apreciados quando a bordo de um barco em passeio de recreio.

Facto triste este para um povo que conserva as tradições históricas dos descobrimentos marítimos!

Tirando um restrito numero de pessoas que amam as viagens marítimas de recreio, muito pequeno é o numero de pessoas que ao domingo abandonam a residencia para, na doce contemplação do que é belo, passarem um dia n'uma canôa ou n'um vapor em digressão pelos nossos rios ou pelas costas.

Principalmente na Inglaterra e nos Estados Unidos, verifica-se um notavel desenvolvimento do turismo nautico, o que faz prospe-



rar toda uma industria marítima baseada no gosto do publico pela navegação turistica. Durante a bela quadra estival, os grandes, rapidos e confortaveis *ferry-boats*, dotados muitas vezes de restaurantes perfeitamente fornecidos e cujos preços se tornam acessiveis a todos, contam-se aos milhares os passageiros nas pequenas digressões aos portos vizinhos no desejo de passarem umas horas n'um bem estar vivificante como esse de se estar a bordo quando ao largo. O desenvolvimento continuo d'estas empresas são

a prova da sua prosperidade e dos efeitos de uma boa propaganda com uma pratica muito bem estimulada.

O desenvolvimento do turismo nautico entre nós, resultaria um factor importante de riqueza pelo movimento de pequenos capitais inertes, na constituição de empresas que a essa industria se dedicassem.

Pode-se mesmo dizer que o turismo nautico é ainda desconhecido entre nós, e, talvez de ahí o motivo porque não o conhecemos.

Não é com os vapores em serviço no nosso Tejo que o turismo nautico se poderá fazer, porque além de improprios no seu caracteristico, não pos-



suem nada de confortavel e nem sequer um restaurant, onde o turista possa almoçar ou jantar como se estivesse em terra.

Ha portanto duas origens que se encontram, na falta de turismo nautico entre nós.

A primeira está na ausencia da propaganda e a segunda na falta de embarcações proprias.

Uma vez havendo barcos em condições de conforto para se empregar n'esses serviços, teriamos pelo menos interessantes

passeios, não falando, já em algumas excursões mais morosas de visita ao Algarve, Setubal, Figueira, ao Porto, etc.

E não seria apenas no verão que as viagens teriam logar.

Um passeio Tejo acima, por ocasião das cheias, não seria bem sucedido para a empresa que o promovesse?

E quando temos lindos dias de inverno, não seria agradável apreciar a brisa marítima?

Tudo se poderia fazer, estamos convencidos, desde que houvesse barcos em condições de oferecer aos passageiros todas as comodidades que se apreciam n'uma digressão de prazer.

Uma viagem marítima a bordo de um pequeno vapor, onde o aceio seja irreprehensivel, onde uma orchestra nos delicia, onde um salão nos atrai para uma partida de *bridge*, onde um restaurant nos chame para um bom jantar, tudo isto, além dos espectaculos que a natureza nos possa proporcionar e dos encantos do bulicio de uma assistencia agradável, será ou não será, um ideal, uma justa aspiração, para quem possui um Tejo, um Mondego e a costa mais occidental da Europa?

A epocha em que o turismo nautico mais se devia movimentar aproxima-se de nós.

Temos que insistir na conveniencia de se iniciar uma grande e desenvolvida propaganda pelas provincias, porque é com ela que poderemos obter o augmento do maior numero de adeptos ao interessante recreio desportivo.

Com uma bem orientada propaganda por meio de conferencias e de pequenos artigos na imprensa local, estimular-se-hia o gosto pelo turismo, que é o mesmo que contribuir para o engrandecimento do paiz, visto que pelos seus efeitos, é um agente educativo de primeira ordem.

A assim iremos nós divulgando com insistencia pertinaz,—a poesia que os nossos rios em si, encerra,—seja escutada por todos os sonhadores, e que os interessados, dispensem um pouco de atençaõ a esta ideia.

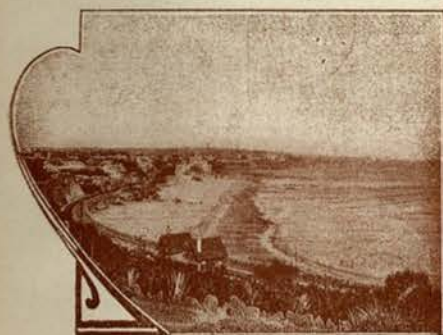
FIGUEIRA DA FOZ
A DOCA

LABINNA.



CASCAES
UM TRECHO DA BAHIA

PRÓ - TURISMO



ESTORIL — A PRAIA

NÃO podia a propaganda, que no estrangeiro é necessario fazer-se em favor do desenvolvimento do turismo em Portugal, ser confiada a pessoa alguma de tão lucida intelligencia e de tão clara visão, como a distinta escritôra brasileira Ex.^{ma} Sr.^a D. Julia Lopes de Almeida, que no grande salão de festas do *Jornal do Comercio*, do Rio de Janeiro, realisou, recentemente, uma interessantissima conferencia ácerca de Portugal, descrevendo o seu clima, as suas paisagens, as suas características, os seus costumes, tudo por uma fôrma finamente litteraria, verdadeiramente empolgante e profundamente verdadeira, o que nem sempre succede quando são estrangeiros que se occupam de nós.

Honra-se sobremaneira a *Revista de Turismo* em reproduzir nas suas columnas o extracto que, com a devida venia, vae fazer d'essa conferencia notabilissima, tão justa e, ao mesmo tempo, tão lisongeira para um paiz como o nosso, que, se

DEU MUNDOS NOVOS AO MUNDO

dando-lhe, entre esses, o glorioso Brazil, patria da inclita e ilustradissima dama, a esta teve a felicidade de poder dar tambem os seus progenitores, que portuguezes eram, como a ela tributa agora, sem sombra de favor, a homenagem da sua admiração pelos seus elevados dotes de talento e de coração.

Eis o extracto a que temos alludido:

LISBOA A CIDADE DAS ROSAS

No inverno, quando tempestades de neve e de granizo açoitam desapiadadamente outras capitães da Europa, Lisboa desenrola no azul dulcissimo do seu céu o manto veludoso para os friorentos ou medrosos de inverniaes rudes. Se ha uma arajenzinha constante, que irriça o pêlo das rapozas de agazalho, ha uma luz divina, de turqueza fluida, que põe fálhas de ouro nos lindos olhos que a raça arabe deixou de herança

à mulher portugueza. Inteligente e amiga de litteratura e de arte essa mulher vibratil parece toda coração. Ha no ambiente das suas casas uma envolvercia carinhosa, qual-quer cousa reveladora de finura do espirito moderno conjugada com as qualidades preponderantes e tradicionaes da raça. Adora-se ali o Pensamento, discute-se Litteratura, ama-se a Arte. Ha cantos de sala em Lisboa em que se pode ter a sensação de se estar dentro de um capitulo de Ramalho.

Se nas suas janelas não ha jardineiras que pendurem para as ruas hastes floridas de geranius côr de rosa, porque o seu luxo é todo intimo e recatado, não faltam dentro, entre os tapetes nacionaes de Arraiolos, ou de velhas ceramicas portuguezas, uma corbelha de camelias, de lilazes ou dessas magnificas rosas de Lisboa que não encontraríamos rivaes nem na propria Stambul. Se um grãosinho mais de actividade sacudisse os nervos da sonhadora capital portugueza, ela poderia ter derramado de ha muito por sobre uma das suas sete colinas, ou por um dos seus vales, o mais formoso e odorante roseiral do continente. E os nossos jardins que iam «buscar ao Luxemburg e à Belgica as suas roseiras, com maior facilidade as pediriam de Lisboa, que juntaria assim ao seu pomposo titulo de — cidade de pedra e granito — o perfumado titulo de cidade das Rosas.

O estrangeiro que ali fizer uma estação de inverno e quizer, ou souber, juntar ao prazer fisico de se regalar com um amavel clima o prazer intelectual de frequentar os seus museus e as suas casas do «bric-à-brac» verificará quanto o modo de ser desse povo intelligente e robusto se intensifica e revela sempre nas suas manifestações de arte aplicada ou de arte pura.

O seu mobiliario tem a fei-



QUELUZ FACHADA E JARDIM DO PALACIO ção austera da lealdade portugueza, na sua solidez e na fôrma simples e inconfundivel, ao mesmo tempo que os seus labores delicados o revestem de um encanto lyrico, de uma ternura de consagração! Na ourivesaria — o mesmo cunho da raça imaginativa e sincera; em parte nenhuma ha artifices mais caracteris-

ticos nem mais peritos na cinzeladura de metaes. Os relicarios das suas igrejas, as suas custodias, os seus calices e thuribullos, as suas corôas e baculos, as suas cruces processionaes, as suas bacias e gomis de linda fôrma e subtil lavôr, são syntheses de épocas e expressões vivas, inalteraveis, de competencias superiores.

GENTE QUE PERPETUA O BRIO E AS GLORIAS DAS SUAS EPOCAS DE EXPLENDOR

Quem visita o museu de arte ecclesiastica da igreja de S. Roque de Lisboa, e depois o opulento Thesouro da Sé, de Coimbra, em que eu tive a ventura de ser guiada pelo illustre e querido poeta Eugenio de Castro, um dos seus organisadores e classificadores, perceberá, mesmo sem ser versado na historia da arte, que está em face de uma das mais belas e significativas demonstrações de aptidão tradicional de um povo durante longas e varias épocas da sua existencia fecunda. Vê-se bem, ante essas manifestações, que ele não foi, nem é só habil e forte no mover a espada na guerra, os remos no mar, o arado na terra, mas que sabe juntar a esses atributos varonis os da graça e da delicadeza, com que tece em finissimos fios de ouro e de prata as filigranas para as suas mulheres, ou com que cinzela as suas salvas ornamentadas e as suas baixelas de ostentação. As joalherias do Porto, as suas fabricas de prataria, são documentos interessantissimos da grande fertilidade de motivos e da vivacidade de imaginação com que essa gente perpetua e sustenta o brío e as glorias das suas épocas de maior esplendor.

Foi ela que em tempos idos levou à Holanda, pela expulsão dos Judeus, a par de grandes riquezas, o incentivo e o gosto por essa especie de arte suntuaria. O mesmo carinho de nacionalidade se pôde observar, embora evidenciado num modo mais rustico, na ceramica portugueza, em que as expressões regionaes variam sem alterar o cunho original da Raça. Em cada provincia a bilha, ou o cantaro, com que a

«Margarida vae á fonte» tem uma fôrma peculiar e supponho até que uma expressão carinhosa para os seus conterraneos. Essa especie de ternura estende-se aliás por todos os artigos de intimidade caseira a que eles associam a idéa da sua felicidade e do seu conforto. Afonso Lopes Vieira assim o diz nestes versos, feitos para creanças, no intuito de lhes abrir no coração e na intelligencia o amor pelas cousas do seu paiz:

O PUCARINHO

O pucarinho de barro, o pucarinho, tem bochechas encarnadas, tem as faces afogueadas; dêem-lhe agua, coitadinho, que tem sêde, o pucarinho. O pucarinho de barro, o pucarinho, s'tá ao pé de sua mãe, sua mãe bilha bojuda, que tem, como ele tambem, a carinha bochechuda.

O pucarinho de barro,
o pucarinho,
se a agua dentro lhe cahe,
põe-se baixinho chorando,
parece que diz: — ai, ai,
já me a sêde vai passando.

Se se vai pelo caminho,
ao sol ardente,
tem-se uma grande alegria
se dão a beber á gente
uma pouca de agua fria,
que é dada num pucarinho.

Assim como os filigranistas dos arredores do Porto, são pessoas humildes das cercanias de Caldas da Rainha que modelam para a ornamentação da sua louça inconfundível, figuras de bichos, de flores, e de frutos da sua região, sem terem tido para isso outro mestre mais do que o proprio instincto.

Só ha poucos anos, relativamente, o grande artista Rafael Bordalo Pinheiro, associou o seu nome e o seu genio a essa industria artistica que enriqueceu sem lhe tirar o cunho proprio, com inumeras creações mais variadas e menos ingenuas do que as primitivas.

Essa habilidade nativa revela-se no povo até nos seus mais insignificantes objectos de mercadoria, como cestinhas e coifas em que vendem frutas, ou na industria manual das rendas e até na pratica da jardinagem em que os rusticos executam desenhos rigorosamente certos, sem terem tido para isso nem a mais rudimentar noção de geometria.

Quem deseje porém, penetrar com a vista a alma das cousas, em nenhuma encontrará uma tendencia tão carinhosa em Portugal como na architectura, das suas casas ruraes e dos seus Paços e solares do interior. Dir-se-hia que a projecção dos seus telhados foi imaginada para que a sua sombra

PAIZ SEM PAR PARA AS DIGRESSÕES DE RECREIO OU DE REPOUSO

Não ha talvez em todo o mundo, em territorio de tão limitadas dimensões, paiz nenhum em que paisagens e costumes variem tanto de aspecto, de região para região, e em que o pitoresco seja por isso mesmo tão vivo e tão flagrante como em Portugal. E' essa circumstancia, mais do que nenhuma outra, propicia aos viajantes e aos artistas, que torna esse paiz sem par para as pequenas digressões de recreio ou de repouso.

Como na natureza europeá as estações do ano variam muito mais do que na nossa, diferenciando-se entre si em tudo: na côr do céu, na espessura do ar, na produção da terra, nas tonalidades alacres ou senti-

rente impetuosa e turva. Quem siga do Porto para a Espanha, via Salamanca, terá na rapida visão do caminho de ferro a impressão de uma dessas paisagens infernaes que o homem arrojado escarpou em sucalcos, para que a vinha, doce amiga dos deuses, subisse por entre penhas até pôr grinaldas pagãs no cabeço das rochas em que as aguias dormem...

Uma vi eu, num estremecimento maravilhado, erguer do meio dos penhascos silenciosos o vôo largo e forte. E aquela ave solitaria comparei-a a um symbolo da grandeza moral daquele pequeno paiz no surto novo para um novo destino...

De sul a norte, divergem entre si, sem se desarticularem do seu padrão de nacionalidade, os quadros originalissimos dessa terra encantadora, cujas manifestações typicas saltam aos olhos do forasteiro, tanto na expressão das suas passagens como no modo de vestir e de falar das suas populações, ou na canção em que os portuguezes sabem tão admiravelmente imprimir, não só o seu sentimento individual, como o do logarejo a que pertencam.

Assim, sob o mesmo céu de um azul de benção, a natureza fez do Minho—um jardim—das duas Beiras um poema agreste de que o Bus-saco é o canto melhor; de Traz-os-Montes, uma tela cheia de pitoresco; do Douro, uma tragedia; um altar da Serra da Estrela, em que a mil e quatrocentos metros de altitude uma floresta de pinheiros ergue aos céos entre neves uma ramada sempre verde; da Extremadura, um Amor de que Cintra é o beijo; e do Alentejo e do Algarve a sinfonia da Luz!

Disse um poeta «que as estrelas no Algarve parecem maiores que nas outras provincias de Portugal e que o azul do seu firmamento é como o do mar mediterraneo e o céu da Italia.»

Pomar de figos e de amendoiras, essa terra de sol é, na época da floração, mais recendente e tentadora do que a Sumalita.

Por todas essas provincias, para quem as possa percorrer com o socego deliciaente de extendidos ocios, e aguda observação, quantos motivos de estudo e de gozo estético, quanto assunto variado para quadros e para livros originaes, e quantas razões para meditação...

JULIA LOPES D'ALMEIDA



BUSSACO — A MATA



UMA BURRICADA

CINTRA CASTELO DOS MOUROS

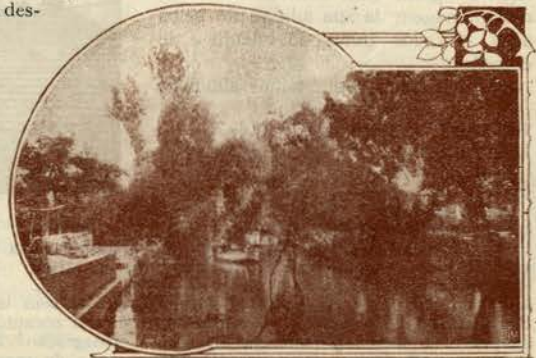
mentais da luz, o homem sente tambem mais fortemente do que entre nós a necessidade de mudar de ambiente, de ir, pelo influxo suggestivo do tempo, veranear no campo — outonar nas praias, vagabundear pela primavera entre pomares carregados de flôr e prados chilreantes de passado. Cada provincia portugueza oferece para isso quadros opostos e de um caracter acentuadissimo. Se em uma os campos des-

pertam docuras lyricas pelos seus tapetes de flores, pela réde harmonica dos seus rios cristalinos, pelas galhardias flavas das suas giestas, ou pela canção que irrompe espontanea e terna dos largos peitos dos seus camponezes; já em outra desatam fantasias grandiosas na inspiração tragica de penedias ásperas, esmaltadas de côres inesperadas, do ouro vibrante ao azul taciturno, e que se despeñham em montões de pedras e de lascas até ao fundo em que a agua passa engasgada numa tor-



proteja quem dela se acercar e que os seus alpendres, que trazem para fóra de portas uma certa doçura da intimidade, representam assim como que um convite de hospitalidade a quem passa na estrada fatigado de soalheiras e de caminhadas...

Espirito creador, Portugal não quiz reproduzir — quiz fazer e construir á margem gloriosa do Tejo essa maravilha que se chama — Os Jeronymos — e outros templos que difundem pelo paiz o prestigio de uma architectura propria, em que o duelo originario do Arabe e do Romano transparece nas linhas basicas e nos efeitos subtilizados por um novo espirito mais eloquente e mais representativo das preocupações da raça.



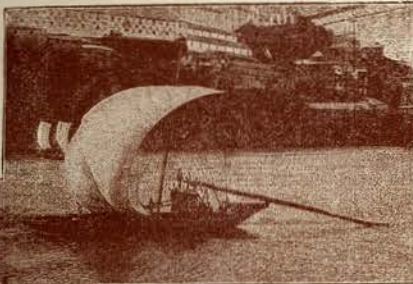
COLARES — UM TRECHO DA VARZEA

PAISAGENS
PORTUGUEZAS

O DOURO

PAIZ do vinho, paisagens encantadas, terra de poetas e sonhadores.

Nenhum outro rio em Portugal encerra encantos de tão variada be-



O DOURO
UM BARCO RABELO

leza como o Douro. A sua paisagem é por vezes uma tragedia, a sua verdura a garridice d'uma donzela, as suas montanhas a aspereza de um eremiterio. Tudo ali é poesia, tudo ali é sonho e santidade.

A linha ferrea ageitou-se nas asperas curvas das suas margens, mais para nos desenrolar ante a vista extasiada aquela doce e tragica paisagem, que para transportar aos armazens de Gaia, o precioso licor do vinho.

A linha começa no Porto n'um capitulo de Camilo e termina em Barca d'Alva n'uma pagina dos «Simples» de Guerra Junqueiro.

Transposta Campanhã, o comboio deixa o Douro por um momento para nos mostrar uma paisagem minhota. A linha segue ora entre fundas terras de milhares viçosos que uma cadeia de arvoredos esguio abraça e onde a vinha amorosamente se enleia, ora entre pinheirais ainda moços, que uma brisa leve sacode para nos vir trazer aos pulmões anemicos, um ambiente salutar e vivificador.

O comboio avança, deixando-nos admirar entre hortas fartas e regadas, casas citadinas de *brazileiros* ricos que ali vieram gastar o seu ouro, n'um tributo patrio, ou no cumprimento d'um voto nostalgico de emigrado.

Uma grande curva aproxima-nos novamente do Douro que lá ao fundo corre, aqui desfazendo-se entre as penedias que nas suas envestidas rendilhou como um bom filigranista, além deitando-se com preguiça sobre

a areia loura como o trigo maduro, mais acima comprimindo-se entre dois penedos para mover a azenha onde nas noites de luar, o pacifico moleiro lhe atira á guitarra, como n'um agradecimento, um fado languido e doce, ora cantando os olhos da sua amada ora lembrando uma esperança perdida.

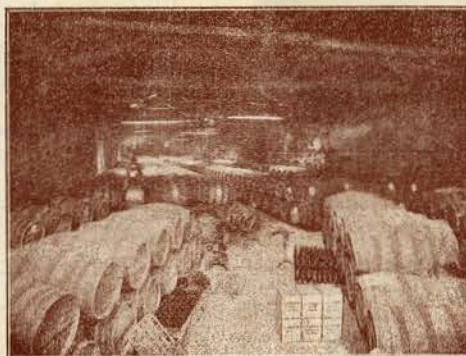
E o rio no seu murmuro suave e doce parece fazer o acompanhamento cadenciado á guitarra.

A linha segue agora entre trincheiras altas e sinistras, depois desaparecendo sob uns penhascos, para galgar por sobre uma ponte um regato ligeiro, na sua faina de nos mostrar tudo o que o Douro encerra de encanto e poesia.

Ambas as margens estão vestidas de pedregulhos de fino granito por onde a vinha espreita, se riem os castanheiros, e as azinheiras se debruçam como que a mirar-se no espelho do inquieto rio.

Entramos no País do Vinho.

Mão humana ajuntou, sobrepoz to-



UMA ADEGA DA
CASA FERREIRINHA

das as pedras e construiu essa imensa escadaria para suporte dos vinhedos, que nos faz pena não termos pernas de gigante para com elas galgar o alto da montanha.

Chegámos á Regoa, onde em imensas adegas e enormes toneis se acomoda o vinho á espera de embarque.

Tudo aqui é grandioso, até o Douro ali faz um enorme estuario para deixar navegar livre-

mente os enormes barcos rabelos cheios de vinho e cascaria.

A linha entra na segunda fase do Douro, a vinha começa a escassear mas mesmo assim, aqui e ali alveja a alegre casaria de uma quinta, com a sua adega, a capela, a sua horta e pomar viçoso.

Passa-se o Tua, a paisagem toma o aspecto de uma tragedia biblica. O rio comprime-se entre montes ermos e poderosamente ingremes por onde corregos estreitos sobem ao alto, onde uma capelinha branca abençoa e dá suavidade.

Mas pelos torridos dias de Agosto, quando o sol abrasa tudo n'uma devastação e quando as amendoeiras tristes e abandonadas deixam pender a folha queimada, por esses corregos ingremes e pedregosos, vae uma interminavel fila de romeiros, uns alegres com o risonho vigor de mocidade, outros tristes e penitentes que vão á ermida solitaria pedir alivio para as suas maguas e conforto para as suas dôres.

Foi ali certamente n'aqueles tristes montados, que Guerra Junqueiro se inspirou para as suas poesias que immortalisaram o seu nome.

Alvas ermidinhas sob azues maguados,
Vejo-vos de longe n'uma adoração,
Como ninhos brancos de Ideal pousados
Lá n'esses fragosos montes escalvados,
Onde não ha agua, nem germina o pão.

Serranias ermas, solidões contritas...
Azinheiras como velhos Briareus...
Pedras calcinadas .. gados parasitas...
Tristes montes ermos! ermos cenobitas,
Que em burel d'estevas amortalha Deus!...

Lá nos altos montes sem trigaeis, nem vinhas,
Sem o bafo impuro que dos homens vem,
E' que a mãe de Christo com as andorinhas,
E as estrellas d'oiro mesmo ali visinhas,
N'um casebre terreo se acomoda bem.



O DOURO — VINHEDOS

E nas brutas, rudes solidões tão calmas
 Ai, muito se engana quem a julga só!
 Entre o luar dos hinos e o verdor das palmas,
 Para lá caminham romarias d'almas...
 Todos nós lá fomos com a nossa avó!

Almas de velhinhas, do palor silente
 D'uma estrela, quando desmaiando está...
 Vão buscar alívios p'ro netinho doente,
 Vão pedir notícias d'algum filho ausente
 Vão rogar a Gloria para os mortos já...

Alvas capellinhas, sempre milagrosas,
 Só n'essas alturas para os olhos meus,
 Como ninhos virgens d'orações piedosas
 Miradoiros brancos de luar e rosas.
 D'onde as almas simp'les entrevem Deus!

Mas por esses montes escabrosos
 onde a vinha não creou raizes, e onde a
 urze difficilmente medra, passam ás



O DOURO — UM BARCO RABELO
 DESCARREGANDO PIPAS DE VINHO

vezes em fraterno convívio com os pegureiros e com os seus gados, alegres bandos de perdizes e cotovias.

E é na Barca d'Alva, onde o Douro já banha terras de Hespanha que Guerra Junqueiro o poeta da Natureza e o amante da bondade do povo humilde, sonha com o Ideal, de uma crença pura e meiga entre a enxada de um cavador e uma ermida branqueando de neve no pico de uma alcanfilada montanha que tem por habitantes pastores, estevas e rebanhos.

GUERRA MAIO.

CONSULTAS

Esta secção é destinada a consultas dos nossos estimados leitores, sobre viagens, excursões, hotéis a preferir, trajectos a percorrer, e sobre todos os assumptos que se ligam com o turismo.

AS CARREIRAS DE NAVEGAÇÃO DIRECTAS

Vigo-Nova Yorck e Barcelona-Nova Yorck

HA mezes a imprensa, espanhola deu curso á surpreendente noticia que a Camara de Comercio Espanhola, na America, ia organizar uma poderosa companhia de navegação para fazer carreiras directas entre a Espanha e America do Norte, no que empregaria vapores de 22.000 toneladas e dando 22 milhas á hora. A companhia seria organizada com capitães americanos, mas navegaria sob a bandeira espanhola. Era como se vê um projecto monstro.

Alguns jornaes de Lisboa á vista de tão grandiosa iniciativa, tocaram a rebate e julgaram, a realização de tal projecto, um golpe fundo no porto de Lisboa.

Não podendo nós guardar silencio á vista de tal alarme, demonstrámos na imprensa que

tal projecto não passava de uma pura espanholada. E argumentámos que uma carreira de tão avantajadas proporções só se faria com grandes capitães, com um trafego que podesse alimentar tão grande linha de navegação, e sobre tudo com um forte subsidio do governo interessado em tal *desideratum*.

O trafego de carga e passageiros entre os dois paizes é tão reduzido que mal alimentaria uma carreira mais que modesta, e, não vemos nós por varias razões, possibilidade de o aumentar de fórma a corresponder a tão elevada tonelagem de vapores.

Poucos mezes são passados para que o que então afirmámos, se tornasse uma realidade.

A carreira acaba agora de ser inaugurada, não com os colossaes paquetes, mas com os antigos vapores da Companhia Transatlantica, que segundo aqui temos presente, fez contracto com o governo espanhol para os seus vapores da linha de Cuba passarem a tocar em Nova Yorck á ida e á volta.

Isto fez a Companhia com proveito

duplo, pois dia a dia, via acentuar a decadencia do trafego com Cuba.

E' natural que esta carreira venha a ser melhorada, mas nunca poderá tomar as proporções do primitivo projecto.

Em breve se occupará a nossa revista do importante problema marítimo, e então diremos da nossa justiça sobre a nossa participação no trafego da Peninsula com a America do Norte.

NOVOS HOTEIS

VAMOS enfim entrando no caminho das construções de grandes e confortaveis hotéis, mercê da lei sobre o assumpto promulgada ha tempos.

Nas Caldas das Taipas vae ser construído um grande hotel, em que egualará em conforto os melhores hotéis que já existem no genero.

Este hotel era uma necessidade, pois tendo as Caldas das Taipas um excelente estabelecimento balnear, construído sob os mais modernos processos de hygiene, faltava-lhe sem duvida um hotel que o igualasse em conforto e comodidade.

Tambem em Lagos será construído um magnifico Palace Hotel, para cuja construção se está organizando uma companhia.

O novo hotel, que será dotado do maior luxo e conforto, fica sobranceiro ao mar, com um excelente ponto de vista para o oceano e para a cidade.

Lagos tem um largo futuro na sua frente, pois com o caminho de ferro quasi concluído, de Portimão a Lagos e com a linha de Vale do Sado tambem em via de conclusão, ficará a distancia relativamente pequena de Lisboa e da Andalusia; e com a sua excepcional posição na entrada do Mediterraneo é de crêr que venha n'um futuro muito proximo a ser um grande porto de mar para a grande navegação.

Mas d'este magno assumpto nos occuparemos em breve detalhadamente.

EXPEDIENTE

Consideramos assinantes todas as pessoas a quem é enviado este numero, e não o devolverem.

— Annunciam-se gratuitamente n'esta revista todas as obras literarias que digam respeito ao engrandecimento do pais.